INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUD OS SUPERIORES DO PIAUÍ

FRANCISCO CAFÉ DA SILVA

A LIBERDADE NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA OBRA *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO* DE JEAN-PAUL SARTRE

Teresina

2016

Francisco Café da Silva

A LIBERDADE NA FORMAÇÃO DO INDIVIDUO NA OBRA *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO* DE JEAN-PAUL SARTRE

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em filosofia.

Orientadora: da Profª. Ma. Elisângela Amaral Soares Osório

39 p.

Cód. 5904
100
S586l
Ex. 01

Teresina

2016

ICESPI BIBLIOTECA
13233 09/12/19

FRANCISCO CAFÉ DA SILVA

A LIBERDADE NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA OBRA *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO* DE JEAN-PAUL SARTRE

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora

_____

Profa. Ma. Elisângela Amaral Soares Osório ICESPI-PI

_____

Prof. Me. Sebastião Linhares Bezerra Junior UFPI-PI

_____

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana ICESPI-PI

Dedico esta monografia a minha orientadora professora Elisângela Amaral S. Osório, aos meus pais, João e Aldenir, aos meus irmãos, Fabrício e Flávio, aos meus bispos na pessoa de Dom Alfredo, aos meus amigos na pessoa da Zilene, aos benfeitores da Diocese de Parnaíba e a todos os formadores e seminaristas.

Agradeço a Deus por ter me concedido a graça necessária para a conclusão deste curso, à Santíssima Virgem Maria por sua presença maternal em minha vida. Aos meus familiares, em especial aos meus pais João e Aldenir, aos meus irmãos, Fabrício e Flávio. Meus agradecimentos à minha orientadora Profa. Ma. Elisângela Amaral. Minha eterna gratidão aos meus amigos e colegas que de maneira direta e indireta contribuíram para realização deste trabalho, o meu muito obrigado!

"O homem faz-se; ele não está pronto logo de início; ele se constrói escolhendo sua moral; e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode deixar de escolher uma moral".

Jean- Paul Sartre

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a liberdade na formação do indivíduo, tendo por base a obra *O Existencialismo é um Humanismo* de Jean-Paul Sartre. A liberdade contribui para a formação do homem, a partir desse conjunto de escolhas que ele realiza no seu percurso formativo dentro dessa subjetividade que ele é, escolhendo ser aquilo que é e quer ser e, como realizar. Mas dentro de uma liberdade que é sua condição de escolha que faz parte da capacidade humana. É exercendo sua liberdade que o homem toma as decisões no decorrer de sua vida, projetando-se para um futuro planejado e quando ele deseja ser, ele constrói-se sendo aquilo que ele é. Livre! Também exercendo a responsabilidade por suas ações livres, sem negar a presença do outro com quem divide a liberdade, sendo ele o senhor de suas ações, pois não pode culpar o outro pelo sentimento de angústia que tem com sua liberdade.

Palavras – chave: Homem. Liberdade. Formação. Subjetividade. Ser. Outro.

ABSTRACT

This research aims to analyze freedom in the formation of the individual, based on the work Existentialism is a Humanism of Jean-Paul Sartre. Freedom contributes to the formation of man, based on this set of choices he makes in his formative course within that subjectivity he is, choosing to be what he is and wants to be and how to perform. But within a freedom that is his condition of choice that is part of human capacity. It is by exercising your freedom that man makes decisions in the course of his life, projecting himself into a planned future and when he wishes to be, he builds himself by being what he is. Free! Also exercising responsibility for his free actions, without denying the presence of the other with whom he shares the freedom, being the master of his actions, because he can not blame the other for the feeling of anguish he has with his freedom.

Keywords: Man. Freedom. Formation. Subjectivity. Be. Other.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2. O EXISTENCIALIMO SARTREANO E A RELAÇÃO ENTRE A ANGÚSTIA E A LIBERDADE 12

2.1. O Existencialismo sartreano 12

2.2. Angústia como consequência da liberdade 15

3. A LIBERDADE HUMANA NA TEORIA MORAL SARTREANA 18

3.1 O conceito de Liberdade para Sartre 18

3.2. Liberdade como necessidade 21

3.3. Liberdade vivida 24

4. A FORMAÇÃO NA LIBERDADE 27

4.1. Ser em si 27

4.2. O ser para si: como consciência 30

4.3. Ser para o outro 33

5 CONCLUSÃO 38

REFERÊNCIAS 40

1 INTRODUÇÃO

A liberdade do homem é uma questão que tem despertado a atenção de muitos filósofos, dentre eles destacamos neste trabalho a maneira como o filósofo francês Jean Paul Sartre lidou com esta questão.

A liberdade é, para Sartre, uma característica intrínseca do homem, é um dos elementos que o impulsiona a realizar-se nas suas escolhas. Por isto para que possamos compreender o homem não podemos desconsiderar este elemento. "A liberdade consiste em fazer-se independentemente da situação e do momento, não se tornando um objeto, sem reflexão, igual a animais movidos pelos instintos." (NASCIMENTO, 2013, p.9), pois, é no projetar-se para além do presente que o homem oportunamente vai tornando-se o ser que ele quer ser.

Na obra *O existencialismo é um humanismo,* de 1970, Sartre compreende o homem como livre das leis deterministas e responsável por sua construção enquanto ser existente e livre. O homem deve, na concepção deste filósofo, deixar suas escolhas serem direcionadas por um engajamento livre. Assim é na liberdade construtiva na qual está inserido que o homem encontra meios de construir-se e ao mesmo tempo de deixar suas marcas na história social.

Jean-Paul Sartre é considerado um dos principais representantes do existencialismo. Sua obra principal foi *O ser e o nada* de 2000, escrita com a mesma preocupação de *Ser e Tempo* de Heidegger, obra que trabalha a capacidade finita da vida como um indicador autêntico da ação do homem (COX, 2006).

A *liberdade* é uma questão que inquietou muitos pensadores dos mais diversos ramos da ciência (filosofia, sociologia, religião, política e antropologia). É também uma questão que nos inquieta. Por esta razão nos motivamos a pesquisar como Sartre lida com tal questão e como a liberdade atua na formação do indivíduo, mostrando como, segundo este filósofo, ela influencia as atitudes dos indivíduos.

A filosofia existencialista de Sartre pressupõe que *a existência precede a essência,* de maneira que podemos identificar claramente um fundamento ateísta, tendo em vista que dispensa a existência de Deus e propõe que toda formação do homem deveria estar completamente livre de leis morais que possam conduzi-lo para aquilo que ele será. Sartre desenvolveu sua filosofia de liberdade, que tira o homem de qualquer forma, regra, condução, que pudesse sofrer em sua formação, tendo como alvo principal: o homem (Em-si e Para-si).

Entendido por ele como ser particular existente. Contudo, o homem que tem conhecimento de sua liberdade e a responsabilidade de suas ações depara-se com um sentimento desnorteante que é a "angustia"[1] sentimento que antecede e ao mesmo tempo acompanha a liberdade na tomada de decisão responsável. Posterior ao momento de angústia o homem estará na liberdade, constituindo o que ele irá ser e conhecendo-se como sendo ele mesmo ao se fazer para o outro.

Segundo Sartre, fazer uma indagação sobre a questão da existência é dizer que "O existencialismo é um humanismo", porque para se pensar o homem é necessário fazer uma releitura da concepção de homem que prevaleceu até aqui, visão esta que vê o indivíduo como um ser formado por completo, enquanto que ele é um ser que está constituindo-se historicamente. Pensar acerca do conceito sartreano de liberdade e formação ajuda-nos a compreender como este filósofo vê a formação humana e como esta ocorre processualmente. Perceber a formação desta maneira é de suma importância na contemporaneidade, tendo em vista que, este é um momento em que o reconhecimento da historicidade se tornou uma exigência na discussão filosófica acerca do homem. Por esta razão, Sartre tornou-se uma grande influência para muitos em sua época, bem como nas épocas posteriores.

Consideramos que a teoria sartreana ainda pode ser uma chave de leitura para compreender o homem, tendo em vista que a liberdade que é um elemento constituidor de tal abordagem é ainda um elemento presente nas discussões atuais sobre o homem. Diante de um tema tão complexo, este estudo tem um viés bibliográfico do tipo qualitativo descritivo sobre a liberdade na formação humana, que teve como base a obra o *existencialismo é um humanismo:* ensaio de ontologia fenomenológica e *O Ser e o Nada*, que trazem novas reflexões sobre a formação humana na contemporaneidade. Surgindo assim tais indagações: Como essa liberdade contribui para formação do homem e como esse lida com isso? Certo de que para Sartre o homem é responsável por quem está se tornando, não é um fantoche sendo construído externamente, mas pelo que ele faz do que fizeram dele, liberdade é o que faz o homem ser aquilo que ele é. Livre.

Visando compreender esta relação entre a liberdade e a formação do homem segundo Jean Paul Sartre, o presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: No primeiro capítulo discutiremos o conceito de "angústia" como reveladora da liberdade humana; no segundo capítulo discutiremos o conceito de liberdade e de que forma esta se manifesta; e no terceiro apresentaremos como, de acordo com Sartre, acontece a formação do ser na liberdade.

---

[1] A angústia é entendida por Sartre como uma consequência da contingência da existência que o lança em um processo de ter que escolher sempre.

2. O EXISTENCIALIMO SARTREANO E A RELAÇÃO ENTRE A ANGÚSTIA E A LIBERDADE

2.1 O Existencialismo sartreano

Discorreremos aqui um pouco da história do existencialismo do filósofo francês Jean-Paul Sartre, procurando mostrar como esse filósofo encaixa-se nessa corrente de pensamento, bem como apresentaremos as particularidades dos conceitos com os quais lida, como por exemplo, liberdade. Desta forma, tal filósofo é compreendido por nós como filho de seu tempo, e faz-se necessário uma compreensão na sua realidade social, cultural e intelectual, tendo em vista que, tais aspectos não encontram-se separados, atuam conjuntamente tanto no viver como no pensar. Vivências deixam suas marcas em nossas teorias, teorias moldam o nosso olhar para a realidade. Sartre não deixa de ser um desses homens que tiveram o pensamento e a teoria marcados pelas vivências históricas, podemos perceber uma forte relação entre a teoria existencialista apresentada por ele e a experiência da segunda guerra mundial. A teoria sartreana mostra-se como uma resposta de como o ser humano deve se comportar diante da absurda realidade social existente no momento.

Jean-Paul Sartre (1905-1980) nasceu em Paris, tornou-se um homem radicalmente livre nos seus escritos e peças teatrais, formando assim uma consciência de liberdade aparte do que o homem escolhe viver, mesmo dentro de um corpo formado por ideais contrários à sua postura socialmente assumida. O que o leva a ser "livre". Expressão que mais tarde é assumida em sua filosofia quando fala que "não existe uma natureza humana, é o próprio homem, numa escolha livre, porém, "situada" quem determina sua própria existência". (SARTRE, 1798, p. VI). Sartre vai fazer de sua vida uma filosofia de liberdade, quando escreve sua obra *O Existencialismo é um Humanismo* obra que escreveu em 1946, como resposta as críticas que estava sofrendo a sua obra maior *"O Ser e o Nada"*. Nesta segunda obra pretende explicar o sentido que orienta sua teoria (apresentada em *O Ser e o Nada*) e como esta deve ser interpretada. A concepção defendida em síntese apresenta o existencialismo sartreana como "[...] uma radical forma de humanismo, suprimindo a necessidade de Deus e colocando o próprio homem como criador de todos os valores." (SARTRE, 1798, p. XII), estando assim o homem responsável pela ética que deve assumir responsavelmente na sociedade. Estando de fora as concepções tradicionais de cunho dogmático.

A instabilidade política promovida pela segunda guerra contribuiu para que o pensamento sartreano expandisse entre os jovens de sua época, tal aceitação contribuiu para que este fundasse em Paris o grupo *socialismo e liberdade,* com o intuído de colaborar com a resistência que se opunha a ocupação alemã e contra os colaboracionistas franceses. Após o término da guerra continuou com o movimento *socialismo e liberdade* e fundou a revista *Tempos moderno.* Com o tempo Sartre mostra-se contrário aos ideais que fizeram surgir o movimento, este não correspondia mais as necessidades de resistência, na revista eram apresentados os mais diversos trabalhos sendo colocados e analisados os principais problemas da época sem qualquer espírito sectário? Sartre continua sendo um homem de ação e pensamento ao mesmo tempo, ao ponto que continua a escrever e publicar seus trabalhos.

Sartre apresenta um existencialismo que não condiz com o pensamento burguês do século XX. Segundo Maciel (1986, p. 30), Sartre, afirma:

> [...] que o existencialismo é "um protesto idealista contra o idealismo". Seu conceito chave - o de "existência" – é uma essência abstrata, definido negativamente por suas limitações (a morte e o absurdo, o trágico e o contingente na condição humana), nunca uma totalidade concreta definida pelas relações sociais, como no marxismo. "Marx – acentua Sartre – tem razão ao mesmo tempo contra Kierkegaard e contra Hegel, pois afirma, como o primeiro, a especificidade da existência humana e toma, como o segundo, o homem concreto na sua realidade objetiva.

O existencialismo sartreano rejeita o idealismo e resiste idealisticamente ao materialismo, na tentativa de ultrapassar o dualismo clássico que há entre idealismo e materialismo. Sartre dedicou seus primeiros estudos filosóficos a uma crise de pensamento criado pelo capitalismo de ênfase imperialista se pode se dizer. Nesse período o pensamento desse filósofo francês tem uma preocupação em refletir a "existência" na qual o homem está posto seja pela família, política, educação, sociedade, hábitos adquiridos em um mundo repleto de corredores estreitos, encruzilhadas e caminhos múltiplos. Tendo que escolher entre vários caminhos que o homem pode percorrer por ser um ser racional, mas o mesmo é convidado a revestir-se da responsabilidade mesmo que pareça uma opção incômoda e inquietante, mas às vezes devendo assim submeter-se as questões de ação involuntárias para poder ser um homem livre, o que não quer dizer que mesmo que não tenha que angustiar-se para escolher dentre inúmeras possibilidades para ser outra coisa que ele não é. É pela ação que este homem projetar-se, ou seja, é livre.

Sartre tem o existencialismo como uma postura filosófica que é assumida numa concepção de que a existência por ser a primeira manifestação do ser é de fundamental

importância, já que o existencialismo: "Seu primeiro esforço é, portanto, o de analisar o homem, na situação em que ele se encontra, e o de atribuir-lhe a total responsabilidade por aquilo que ele se torna, não só individual, mas coletivamente." (SILVA, 1997, p. 16). Para ele toda verdade e ação humana carrega a subjetividade humana. Homem, esse consciência, que no lançar-se para um futuro distancia-se do seu passado e do determinismo projetando-se para um futuro.

Vale recordar que Sartre concebe o existencialismo como um humanismo. Mas seria esse humanismo uma tentativa de tornar o ser humano racional? Bem, Silva (1997, p. 17), afirma que: "[...] o "novo humanismo" de Sartre pretende mostrar que é possível uma liberdade para todos, uma liberdade que não seja um "ideal moral", mas que seja uma estrutura ontológica da própria ação humana". Para Sartre a humanização do homem é de total responsabilidade do mesmo, e com a descoberta dessa particularidade ele passa a ser seu próprio guia. Nascimento (2013, p.28), afirma que esse homem começa toda essa passagem quando se confronta consigo mesmo e com os outros.

Tudo isso é uma tentativa de mostrar o ambiente social no qual Sartre está inserido a instabilidade de pensamento que compõe a sociedade francesa, que sai de uma turbulenta fase de destruição que está nos mais diversos campos da humanidade. Bem, ainda inserido nessa concepção de que a teoria sartreana traz as marcas do tempo em que este filósofo viveu, vamos falar sobre as críticas que ele recebeu e o levou a escrever *o existencialismo é um Humanismo*.

Sartre defende que "[...] a liberdade é consequência da existência" e "a existência precede a essência", tal concepção provocou acusações diversas de diferentes grupos: socialistas, neoliberais, liberais, cristãos, marxistas, etc. Sartre não tinha a pretensão de responder à todos os questionamentos que esses diferentes grupos faziam a sua visão de liberdade. Ele em resposta a algumas dessas questões diz:

> Tratar-se de uma moral da liberdade. Se não há contradição entre esta moral e a nossa filosofia, nada mais há a exigir. Os tipos de compromisso são diferentes consoantes as épocas. Numa época em que comprometer-se era fazer a revolução, necessária seria escrever o *manifesto*. Numa época como a nossa, em que há diferentes partidos a reclamarem-se da revolução, o compromisso não consiste em entrar num deles, mas sim em tentar esclarecer os conceitos para ao mesmo tempo tornar precisa uma posição e tentar agir sobre os diferentes partidos revolucionários (SARTRE, 1978, p. 24).

E continuar ele a responder as indagações que o fazem sobre a causalidade de ordem estatística e como ele a tem e vê, para Sartre nada vai dizer isso, pois o mesmo vai questionar que "no dia em que um marxista me conseguir explicar, acreditarei na causalidade marxista" (SARTRE, 1978, p. 31), com isso entendemos porque Sartre não aceita que a ciência utilize a noção de causalidade como fonte para medir o mundo dos objetos afirmando que:

> As ciências são abstratas, estudam as variações de fatos igualmente abstratos e não a causalidade real. Trata-se de fatores universais num plano em que as ligações podem sempre ser estudadas. Enquanto que o marxismo se trata de estudo de um conjunto único no qual se procura uma causalidade. Não é de modo algum a mesma coisa que uma causalidade cientifica (SARTRE, 1978, p. 32).

Da mesma forma respondeu ao seu critico quando questionava sobre o plano da liberdade, citando para ele Sartre o exemplo que o mesmo usou na obra *existencialismo é um humanismo* quando um jovem o procura para ajudá-lo na decisão de partir para guerra e deixar sua mãe enferma tendo duas opções, a de partir para a guerra tendo duas novas opções vencer e ser um herói ou morrer heroicamente, mas também de ficar e sobreviver covardemente. Sartre explica porque não deu sugestão para o jovem dizendo: "Se ele nos vem pedir um conselho, é porque já escolheu a resposta. Praticamente, eu teria podido muito bem dar-lhe um conselho; mas, uma vez que ele procurava a liberdade, quis deixá-lo decidir. Sabia, de resto, o que ele iria fazer, e o fez." (SARTRE, 1978, p. 32), mostrando com isso que o homem toma iniciativa e decisões sem ter a necessidade de outra consciência, pois sua ação é subjetiva a si mesmo.

2.2 Angústia como consequência da liberdade

Quando falamos em consequência vêm ao nosso pensamento a ideia de um resultado de uma ação. Bem a consequência que apresentamos como consequência da liberdade, nada mais é do que um sentimento que perpassa o homem, quando o mesmo faz uso de sua natureza de liberdade. Liberdade essa, que traz consigo, inúmeras opções e escolhas a serem feitas, decisões para serem tomadas, ações a realizar e ser aquilo que ele é estando ainda na escolha de ser, mas que permanece consigo e em si até mesmo depois de está sendo o que queria ser, tendo como resultado de todo esse sentimento a angústia existencial do homem.

Segundo Sartre, esse sentimento de angústia que aterroriza o homem é suscitado pela consciência de liberdade que ele tem e isso estará presente na sua possibilidade de escolha.

Mas esse sentimento de angústia é, na visão deste filósofo, um sinal de que este indivíduo é um ser que reconhece que é inacabado. Mesmo sendo o autor de sua vida ele reconhece que não pode tê-la por completa e perfeita como uma construção sua. Essa consciência traz um sentimento de reconhecimento de sua limitação e consciência de nada. Mesmo quando Sartre diz que "o homem esta condenado a ser livre", não quer dizer que está solto, sem destino, sem rumo e agora é senhor de si mesmo. Afirma: "É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não criou a si mesmo, e como, no entanto é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz" (SARTRE, 1970, p. 7).

O filósofo enfatiza a liberdade no escolher e é essa liberdade que faz com que surja um sentimento de inquietação existencial no indivíduo, pois ele sente na pele a responsabilidade de que é ele o responsável de escolher diante das situações e inúmeros caminhos que a vida põe a sua frente. Assim ele pode tomar uma postura com variadas formas, seja de acomodação diante da situação, ou, de combatê-la, mas seja qual for à opção assumida pelo indivíduo ele carregará a responsabilidade por ela, mesmo que essa atitude crie nele uma inquietação e angústia.

A angústia é construída, na concepção de Sartre, a partir do conhecimento dos valores que são únicos e individuais, ou seja, pertencentes a cada um. De acordo com este filósofo, o homem deve fazer uma escolha quando se encontrar diante das múltiplas possibilidades em sua vida. Mesmo gerando nele uma angústia, essa liberdade de escolher será uma angústia simples, fruto da responsabilidade e que surgiu em resposta as escolhas que foram feitas por ele mesmo. Assim, este indivíduo não poderá culpar ninguém (além dele) de suas glórias ou fracassos. Observando Sartre afirma:

> O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a *fazer-se* em vez de ser. Como vimos, para a realidade humana, ser é *escolher-se*: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser (SARTRE, 2000, p. 545).

O sentimento de angústia sofrido pelo homem é muitas vezes ter que decidir o rumo de sua vida e não poder responsabilizar outro alguém por suas escolhas e por isso suas escolhas voltam em forma de angústia acusando-o, mesmo que tenha contado com ajuda de terceiro, não deixa de ter tal sentimento, depara-se novamente com sua liberdade de ter

escolhido sozinho e a possibilidade de ter escolhido diferente, ocorrendo esse conflito quando o mesmo não se preparou suficiente para o futuro que ele tem de ser, gerando desta forma todos os sentimentos de conflitos em seu existir. Sua existência é liberdade consciente, consciência que o sujeito deve ter de sua liberdade, surgindo nesta ocasião o medo, a angústia, isso porque o homem vive o tempo todo na incerteza de suas possíveis opções e temíveis consequências. Pois, para o filósofo francês, a angústia é uma constatação da fragilidade humana que se manifesta na relação com a sua liberdade. Certo de que o homem percebe sua carência em atender às suas necessidades próprias e assim aprende a conhecer-se e a descobrir-se como indivíduo. Teoricamente, o indivíduo tem o controle próprio de si: dos sentimentos de sua vida, seus atos, seus pensamentos e, além disso, de suas capacidades de conhecer os sentimentos que estão a envolvê-lo. Que neste caso Sartre (2000, p. 680) afirma:

> Sou o responsável por tudo, de fato, exceto por minha responsabilidade mesmo, pois não sou fundamento de meu ser. Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou *abandonado* no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água, mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades.

Certo que em tudo o homem tem responsabilidade, até mesmo no fato de seu nascimento que se encontra bruto, pois sua vida é uma facticidade que sempre está através de uma construção projetiva do seu Para-si. Assim de certo modo ele escolhe ter nascido, pois sua projetividade faz sua existência não ser negada, já que sua facticidade aparece na medida do si "eu" transcender rumo ao seus fins. Isso quando o homem tem consciência, pois sem consciência não existe existência propriamente dita. Sendo que é através da consciência que a existência estabelece o ser em toda parte. Sendo somente a parti da tomada de consciência e responsabilidade que o sujeito mesmo com a angústia toma as rédeas de sua vida firmando assim o seu destino no mundo do possível.

3. A LIBERDADE HUMANA NA TEORIA MORAL SARTREANA

3.1 O conceito de Liberdade para Sartre

Neste capítulo discutiremos o conceito de liberdade humana desenvolvido por Sartre em sua teoria moral. Mostrando que este filósofo entende que a liberdade é fundamental para compreensão do homem. Tendo em vista que para Sartre o homem tem por essência sua liberdade, que é uma consequência de sua existência. Esta, na concepção deste filósofo, irá direcionar o indivíduo a ser aquilo que ele planeja ser, bem como conduzirá o seu projeto de vida.

Segundo Sartre, o homem se constitui na medida em que tem consciência de ser livre e de que não é determinado. Mesmo quando as correntes deterministas defendem que ele é um ser determinado, pois sua vida está condicionada por outros agentes maiores. A visão existencialista não aceita a compreensão do homem como um ser completo, acabado. Esta tem o homem como um ser em movimento, ou seja, em construção. Para Sartre o homem é esse construir-se e que sua construção está pautada dentro dessa liberdade. Ela faz parte de sua existência, ele é livre pelo fato de existir.

A formação humana, de acordo com Sartre, ocorre dentro desse horizonte de liberdade. Essa liberdade pode ser identificada por meio das suas escolhas, no modo de vida optado pelo indivíduo e consequentemente nas responsabilidades assumidas por ele mesmo diante das escolhas feitas em um passado que hoje é um futuro presente. Isso é notado quando um homem que está preso por roubo aceita sua condição de prisioneiro conscientemente, aceita que esta condição é resultante do uso de sua liberdade. No caso em questão, o uso foi inadequado, mas não deixou de ser uma ação livre. Porque se ele escolhesse por motivações morais ou regras externas às ações do seu dia-a-dia estaria deixando de ser livre, mesmo quando o indivíduo usa as regras norteadoras da sociedade está fazendo uso delas livremente e consciente de que ele assume as consequências de tal ação.

Em Jean-Paul Sartre encontramos uma busca pela compreensão do que leva um homem a ser "livre". De modo que o conceito de liberdade é importantíssimo na teoria sartreana, o que podemos evidenciar quando este afirma que "não existe uma natureza humana, é o próprio homem, numa escolha livre, porém, "situada" quem determina sua própria existência" (SARTRE, 1798, p. VI).

IC - UFPI - Biblioteca
13223 29/12/19

Sartre é um exemplo de homem em que encontramos uma coerência de vida entre a sua teoria e sua vida cotidiana, tendo em vista que ele procura viver de modo coerente com aquilo que pensa, acredita e teoriza. Podemos identificar vestígios dessa vivência de acordo com sua teoria quando procura ensinar os jovens de sua época a serem responsáveis por sua própria história. Onde eles são os senhores e formadores de seu caráter. Bem como quando assume uma postura de acordo com sua perspectiva filosófica dentro do campo social, bem como também nas suas ações particulares e profissionais.

Em *O Existencialismo é um Humanismo* Sartre desenvolveu a sua concepção de liberdade e mostrou como ela pode influenciar na formação do homem. Como o indivíduo age diante de sua liberdade, já que essa é a consequência de sua existência.

> A teoria sartreana do ser-para-si conduz a uma teoria da liberdade. O ser-para-si define-se como ação e a primeira condição da ação é a liberdade. O que está na base da existência humana é a livre escolha que cada homem faz de si mesmo e de sua maneira de ser. O em-si, sendo simplesmente aquilo que é não pode ser livre (SARTRE, 1978, p. XII).

Em Sartre o homem é responsável totalmente pela formação de seu caráter, virtudes e personalidade que vai guiar as paixões que perpassam sua vida no processo formativo, "[...] uma vez que foi lançado no mundo, ele é responsável por tudo o que faz" (SARTRE, 1970, p.7) e toda sua formação constitui-se a partir de suas decisões individuais, isso porque ele está fora das leis morais que tentam condicioná-lo a um modelo de homem.

> Não posso, porém, contar com homens que não conheço, fundamentando-me na bondade humana ou no interesse do homem pelo bem-estar da sociedade, já que o homem é livre e que não existe natureza humana na qual possa me apoiar. [...] devo ater-me ao que vejo; não posso ter certeza de que meus companheiros de luta retomarão o meu trabalho após minha morte para o conduzir à máxima perfeição, visto que esses homens são livres e decidirão livremente, amanhã, sobre o que será o homem; amanhã, após minha morte (SARTRE, 1970, p.10).

Sartre questiona qualquer concepção que tenha "[...] uma série de argumentos e reivindicações de que o livre-arbítrio é uma ilusão e que tudo o que acontece incluindo aquilo que as pessoas fazem, é casualmente ou logicamente necessário" (COX, 2006, p. 85). Pois esse tipo de posicionamento reduz a liberdade do livre-arbítrio ao determinismo, mas mesmo

sendo compatíveis são totalmente distintos. Pois o livre-arbítrio é livre de todas as repressões, ficando fora de qualquer determinismo ou fechamento de liberdade, apenas em um mundo aleatório e caótico, que poderia colocá-lo como ação determinista. "Mas agir livremente não é agir de maneira aleatória e caótica. É agir com razão e objetivo em um mundo que é, até certo ponto, estruturado e previsível" (COX, 2006, p. 86).

> Sem a existência de uma estrutura razoavelmente coerente de condições para agir, a única possibilidade seria agir como a proverbial "galinha com o pescoço cortado". *Liberdade não é queda livre, e uma ação livre requer que a pessoa aja dentro de uma situação que possua um certo grau de coerência.* [...] o livre-arbítrio e o determinismo não são somente compatíveis, eles requerem, necessariamente, um ao outro (COX, 2006, p. 86) grifo nosso.

Quando o homem escolhe, está escolhendo com sua liberdade e essa o remete a escolher aquilo que ele julga ser coerente para todos. Para Sartre a escolha deve ser orientada pelo horizonte do outro, ou seja, devo levar em consideração o bem para todos. Por isso este filósofo existencialista declara que "o homem que se engaja e que dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas é também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total responsabilidade" (SARTRE, 1970, p. 6). Quando este mesmo homem não age com liberdade está agindo de má fé e isso o coloca em contraposição ao que ele é de verdade (SARTRE, 1970, p. 6) Quando o indivíduo age dessa forma, segundo Sartre, ele está fugindo de sua essência e consequentemente estará fazendo uso da má fé. E se o homem dissimula diante de si mesmo a sua liberdade este se torna um covarde, principalmente quando faz uso de desculpas deterministas ou exigências de seriedades para não assumir a responsabilidade sobre os seus atos. Mas, a liberdade do homem garanti-lhe o direito de escolher ser esse homem: um homem moral ou um homem de má fé, "[...] podemos escolher qualquer coisa se nos colocarmos ao nível de um engajamento livre" (SARTRE, 1970, p. 17).

Sartre nos conduz a olhar para o homem como um conjunto das ações particulares que o conduziram a ser esse sujeito que se apresenta a nós, e quando olharmos para esse homem devemos ter a clareza de que ele é formado por uma bagagem histórica, mas que tem uma liberdade que o norteou a ser quem é. Com essa visão "O existencialismo [...] não pode ser considerado como uma filosofia do quietismo, já que define o homem pela ação" (SARTRE, 1970, p. 12). Essa corrente permite que o homem possa escolher e que suas ações garantam sua liberdade, liberdade essa, que o torna existente, pois o homem é aquilo que o mesmo fez e faz de si. Não aquilo que dizem ser, ele é independente dos demais é um ser particular, dotado

de vontade e liberdade para escolher. Mas, toda essa subjetividade alcançada, "não é uma subjetividade rigorosamente individual" (SARTRE, 1970, p. 13), segundo Sartre quando descobrimos a nós mesmo também estamos descobrindo o outro. Pois todo homem tem uma natureza humana que o torna universal.

> O homem faz-se; ele não está pronto logo de início; ele se constrói escolhendo a sua moral; e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode deixar de escolher uma moral. Quando declaro que a liberdade, através de cada circunstância concreta, não pode ter outro objetivo senão o de querer-se a si própria, querendo dizer que, se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa a não ser a liberdade como fundamento de todos os valores (SARTRE, 1970, p. 16).

Assim, o homem que tem como princípios esses valores de liberdade, não pode exercê-los se não levar em consideração a liberdade dos outros, já que, se este indivíduo tem a liberdade do homem como um conceito universal, ou seja, como essência do homem, não deve agir de forma opressora para com o outro.

> Não podemos admitir que um homem possa julgar o homem. O existencialismo dispensa-o de todo e qualquer juízo desse tipo: o existencialismo não colocará nunca o homem como meta, pois ele está sempre por fazer. [...] o homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz com que o homem exista, [...] Não existe outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana. É a esse vínculo entre a transcendência, como elemento constitutivo do homem (não no sentido em que Deus é transcendente, mas no sentido de superação), e a subjetividade (na medida em que o homem não estar fechado em si mesmo, mas sempre presente num universo humano) que chamamos humanismo existencialista (SARTRE, 1970, p. 18).

O homem é esse ser que constantemente faz-se, ele não é pronto e assim numa perspectiva existencialista nunca teremos uma visão deste como acabado, pois ele é projeto de si mesmo, projeto a ser realizado nesse universo subjetivo da condição humana no qual está inserido, ou seja, sua condição de homem existente lhe garante o construir-se na liberdade que é sua essência e que o faz existe nesse universo humanitário que é o homem existente.

3.2 Liberdade como necessidade

Quando falamos de humanismo temos que levar em consideração de que este foi um momento da história do pensamento que buscou pensar o homem como legislador de seus atos, por tanto como responsável por si. Sartre partilha de tal concepção, para ele, não é no ato de voltar-se para si, mas para fora de si que o homem se realiza como humano. Porque o homem tem em si a ideia universal de homem, de modo que isso o conduz a uma responsabilidade por esse homem enquanto ideia universal. O homem se realizaria, segundo Sartre, na medida em que se projetaria para um futuro possível, um futuro no qual ele seja o responsável, essa é uma ideia fortemente presente na teoria moral sartreana, segundo Gary Cox: "O fato de cada pessoa ser um ser em direção ao futuro é uma reivindicação que permanece como o foco do pensamento de Sartre" (COX, 2006, p. 89).

O homem se projeta nesse futuro planejado dentro da sua liberdade que é uma necessidade de existência que ele tem para fazer de si aquilo que almeja, mesmo dentro de um mundo fechado ao determinismo, de modo que, afirma que o homem está determinado a ser aquilo que a natureza tem por "[...] livre-arbítrio, mas que é uma característica intrínseca e necessária da condição humana: uma característica que é diretamente subentendida pela natureza da consciência como o ser-para-si" (COX, 2006, p. 85). Assim é a fenomenologia existencial oferecida pela teoria da liberdade. Na qual nos apresenta o debate tradicional.

> Os respectivos argumentos, para o livre-arbítrio e o determinismo, geram um dilema aparentemente insolúvel. Por um lado, parece não existir objeção alguma que quando está determinado por casualidade universal, enquanto que, por outro lado, a condição humana parece incompreensível se negarmos que as pessoas são autodeterminadas e seres responsáveis capazes de fazer escolha. Isto é, parece impossível compreender as pessoas de outra forma que não seja como seres que, de alguma forma, transcendem a ordem casual. Em um universo totalmente determinado não poderiam existir possibilidades ou alternativas. Consequentemente, não poderiam existir mentes, pois a essência da mente é a de levantar possibilidades e conceber alternativas. [...] Com isso não se pode "concluir que o livre-arbítrio e o determinismo precisam ser compatíveis. (COX, 2006, p. 86-87).

Sartre pensa o homem como projeto de si mesmo. É ele quem se constrói, faz a si mesmo. Não tem como ele está em um mundo determinado e existir, pois sua existência está baseada na sua liberdade, do contrário ele seria um evento casual e não seria ele mesmo, já que se tem o homem por sua mente, ou seja, sua capacidade de criar e agir. Ele existe primeiro e depois constrói sua essência de homem, assim afirma que a existência precede a essência.

Tudo o que o homem realiza faz parte de sua liberdade mesmo que esteja internalizado em si, ele não vai deixar de externar, pois faz parte de sua formação, seu caráter e sua moral, de modo que esse agir livre é para Sartre o centro da responsabilidade humana. Havendo assim uma relação interna entre aquilo que é livre e aquilo que é transcendido pela liberdade e não é livre" (COX, 2006, p.88). Sartre rejeita qualquer visão determinista do homem, visão esta que concebe o homem como determinado. Rejeita portanto o determinismo científico que defende que tudo o que existe tem uma causa. Esta linha de pensamento considera que

> [...] o mundo explicado pelo princípio de determinismo é o mundo do necessário, e não o da liberdade. Sendo assim, todos os fenômenos da natureza seriam determinados e, inclusive, os atos humanos. Por vezes, a natureza faz o homem agir seguindo suas leis (NASCIMENTO, 2013, p.18).

A perspectiva sartreana não desconsidera tais leis externas ao homem, mas defende que quando o indivíduo as adere está escolhendo com sua liberdade, mesmo que se torne determinado por tais fenômenos, ainda assim ele é livre, pois o homem é o único animal que por ter a racionalidade modifica o meio em que habita e o transforma para atender suas necessidades quando solicitadas. Diferentemente dos animais irracionais que agem por instinto de sobrevivência e não por poder de escolha e responsabilidade com os seus atos. O homem age radicalmente diferente porque é consciência, e vai defini-se sendo aquilo que não é e não sendo aquilo que é.

Segundo Sartre o homem é duplo por existir no mundo como consciência (Por - si) e ao mesmo tempo como corpo (Em-si). Ele possui uma constituição material, qualidades originais que o tornam um Ser-em-si. Mas, ao mesmo tempo é interioridade, um Ser-por-si no futuro presente. E tudo isso é uma ação da consciência do Ser que torna possível que ele próprio exista. A teoria construída por Sartre nos apresenta o homem consciência, este cria a si mesmo. O homem visto desta forma é tal como ele se faz e quer ser, conforme afirma este filósofo o indivíduo está projetando-se em um futuro presente. É o homem quem está realizando suas ações diárias, sendo por meio destas que o futuro é projetado, planejado e vivenciado. Já que para o existencialismo o futuro não é um plano distante, é uma ação presente. É no presente que esse futuro é construído, pois ele nada mais é que um vir a ser, como resultado de um presente planejado e trabalhado. Outrora o que tinha sido um passado planejado, no presente o passado é um futuro. É assim que o homem vai se construindo e construindo o mundo no qual habita. Fazendo sua história, deixando sua marca no presente, que será um passado.

Com efeito, temos no pensamento de Sartre que a liberdade humana vai nos fazer perceber uma dimensão fundamental do ser humano que é a consciência livre e responsável. De modo que consideramos importante o fato de Sartre ressaltar a liberdade humana, quando autêntica, como criadora. Esta torna-se independente do meio, das circunstâncias, das fatalidades, das perseguições. E é exatamente este aspecto criador da liberdade humana que é o norteador dos valores de verdade e justiça, guia do agir e destino humano.

Conforme Sartre, o homem não pode ser comparado a uma "coisa", porque desta forma estaríamos limitando-o a ser um ser inconsciente que não tem consciência de decisão, escolha e responsabilidade deixando de viver sua liberdade que é parte fundamental para sua existência em um ambiente de constantes modificações sociais, mas moldurado por regras externas a conduta moral que o homem pode viver dentro de sua total liberdade com responsabilidade perante sua vida onde é fruto de atos e ações presentes, mas assumidas como suas e de total responsabilidade.

> O futuro é reconhecido como um ser verdadeiramente aberto e indeterminado. O fato do futuro realizar alguma coisa ou se comportar de determinada maneira não significa que um futuro especifico esteja aguardando: "Não devemos entender o futuro como um "agora" que ainda não é"(BN 125). E nem devemos entender o futuro como um conjunto infinito de agoras alternativos, alguns dos quais serão encontrados e outros não. Isso significa que ainda temos de ver o futuro como se fosse um em-si. Tampouco é o futuro uma mera representação por parte do para-si: "precisamos abandonar, desde o início, a ideia de que o futuro existe como representação" (BN 124) (COX, 2006, p.92).

O futuro é uma ação que mostra o homem naquilo que ele fez de seu presente no presente futuro de sua liberdade, tendo como base a sua responsabilidade para com o futuro presente para o qual se projeta. Mas, o que foi um presente futuro quando era planejado, projetado na ação do homem que faz por sua existência e mente que cria e planeja.

3.3 Liberdade vivida

Após discutirmos sobre a liberdade, sua necessidade na vida do homem e da forma como o homem lida com essa liberdade. Para Sartre muitas vezes o homem não tem nem mesmo o conhecimento de sua existência, pois está acostumado a viver norteado por uma conduta construída por regras morais externas a sua existência, privando-se de ser aquilo que

é, homem livre. A nossa intenção agora é tentar vermos como, de acordo com Sartre, estamos vivendo essa liberdade existente em nós e como a vemos quando esta se apresenta a nós.

A consciência da liberdade humana é vista por Jean Paul Sartre como uma moral existencial. Na liberdade do homem este torna-se responsável por seus atos. Quando falamos de moral em Sartre devemos nos ater a sua concepção de liberdade com responsabilidade e considerar que a teoria apresentada por este filósofo tem uma abertura para pensarmos uma moralidade, mesmo que Sartre não apresente como intenção a construção de uma teoria moral.

A responsabilidade que o homem carrega diante de suas ações e na sociedade onde estar inserido faz parte de sua liberdade que é o aspecto principal de sua existência. É vista por Sartre como ausente de constrangimento externo e interno, na medida em que é uma capacidade que não encontra obstáculos para se realizar nem é forçada por coisa alguma para agir. Porque o indivíduo toma consciência de si mesmo e passa a ser um ser-em-si, ou seja, está se formando, constituindo sua realidade. Ele mesmo está agindo de modo a ser o construtor de si, enquanto ser existente. O homem é visto como uma realidade assumida e construída com responsabilidade. Assim, a história da humanidade é vista como resultado da modificação do homem no meio ao qual está inserido como ser racional, sendo ele seu modificador com sua liberdade, que o faz existir por ser um ser pensante e criador.

Sartre defende a ideia de que a liberdade capacita ao homem a construir sua própria história, bem como ao realizar isso ele está construindo a história da humanidade. O que o leva a rejeitar a ideia de que ele é determinado, e vive em um mundo pronto. A característica definidora do homem é, para este filósofo, a sua liberdade ao agir, pois esta o torna um ser capaz de realizar, de construir o que desejar. Os homens agem com liberdade, não são determinados, presos apenas por sua responsabilidade de escolher qual dentre os múltiplos caminhos seguir. Assim, o existencialismo sartreano coloca toda a responsabilidade do agir no homem. É o homem que proporciona sua vida e lhe dá um sentido. Tendo sua realidade existente e posto diante dela, ele é o senhor de suas decisões, suas necessidades e vontades, pois é este existente, este subjetivo que com suas capacidades escolher o que é melhor para si, é o sujeito determinante de suas ações. Assim como nos diz

> O homem não é, pois, nenhuma substância suscetível de ser determinada objetivamente. Seu ser é um constituir - se a si mesmo. Ele não é apenas como ele se concebe, mas como quer ser. A sua estrutura existencial está engendrada por todas as suas ações e capacidades de atuar, de ser o próprio protagonista de sua vida (NASCIMENTO, 2013, p. 25).

Na concepção existencialista de Sartre o homem é total liberdade, essa é sua essência. E assim ele vai se construindo, pois ele é um ser individual, mas que cresce com o todo, isso porque ele faz parte de uma comunidade formada por regras a serem observadas, mas ele sendo livre para escolher, vai escolher viver aquelas que estão conforme os seus objetivos. Assim vai construindo sua moral dentro dessa comunidade, pautada por regras externas de si, mas sendo o responsável por suas escolhas assumindo suas consequências, ele torna-se um homem moral, ou seja, sua moral está fundamentada na responsabilidade, no compromisso consigo mesmo e com os outros. Isso acontece quando "o homem toma consciência de si e vai se afastando de seu passado determinista" (NASCIMENTO, 2013, p. 26) que é uma visão de que tudo esta determinado a ser como está ou como vai se realizar em um futuro desconhecido pela liberdade enquanto planejado por um determinismo inseguro diante do homem que é um ser da ação, do fazer, do modificar.

Sartre defende a concepção de liberdade como existência primeira do homem. Afirma que a 'liberdade não é um ser', mas ela própria 'é o ser do homem'. A partir dessa afirmação vemos que o existencialismo coloca o homem no centro de toda sua existência, é ele quem decide suas ações dentro de sua liberdade, que é sua condição para existir. Com liberdade ele toma consciência de si e passa a ser um ser existente que tem como agir em todas as suas dimensões da existência, pois tem consciência do que é. Contrário dos objetos criados que não possuem consciência de sua existência livre, pois são determinados a desempenhar funções determinadas, funções para quais foram criados, não podendo agir com escolha. O homem, ao contrário, escolhe sempre com sua liberdade e vai fazendo-se na sua história por ter consciência de si.

Com essa tomada de consciência de si mesmo o homem é, na visão sartreana, liberdade pura. Ele é capaz de transformar a si mesmo e ao mundo no qual está inserido e contornar com sua liberdade as demais áreas existentes de sua existência. Pois agora 'ele é o que é: homem livre' homem construído e construtor de si e do meio em que se faz existente como nos fala a filosofia de Sartre em que o homem é "condenado a ser livre" e isso se faz com suas escolhas dentro de uma moral pautada na liberdade que é responsabilidade com o que foi escolhido a ser vivido com ação livre da liberdade.

4. A FORMAÇÃO NA LIBERDADE

Neste capítulo discutiremos a formação do homem na liberdade segundo a concepção sartreana. Mostrando que Sartre entende que a formação como essência da liberdade é fundamental para construção do homem.

4.1 Ser em si

De acordo com a definição criada por Sartre, o Ser em si acontece quando o homem está se descobrindo, nesse momento de construção de si, ele entra em choque com sua realidade existente e depara-se com seu ser existencial (matéria) que tem a necessidade de conhecer-se e adequar-se a si mesmo, ser aquilo que ele é. Como nos lembra Cox (2006, p. 21) que segundo Sartre "[...] o ser precisa ser *em-si-mesmo.* O ser é. O ser é em-si mesmo." Assim notamos que o homem é esse ser existente presente em si mesmo e sua presença física mostra isso. E faz com que ele passe a conhecer-se construindo-se a partir desse ponto, tendo consigo essa ideia de homem presente construtivo.

A consciência do Ser-em-si é esse ser Em-si mesmo, que toma consciência de sua existência e passa a fazer-se, lapidar-se, tornando-se seu próprio eu, neste momento se dá início a consciência de que ele faz a sua essência de homem, consciência de ser enquanto existente. Isso vai ocorrendo na medida em que se envolve com o outro, com o mundo e surge a necessidade de moldar-se a si mesmo sendo o que ele quer ser. Ser sua própria essência de ser 'homem'.

Quando falamos do Ser em si estamos falando da consciência do Ser, pois o ser em si mesmo é nada, portanto a consciência é a consciência de alguma coisa, logo o ser existe porque é esta consciência de algo que se projeta ser, mesmo que essa consciência não exista fora de uma compreensão obrigatória de ser uma intuição reveladora de algo. "A consciência não existe primeiramente e depois pretende ser alguma coisa; ela existe somente até onde pretende ser algo mais" (COX, 2006, p.28). O Eu é Em- si quando está planejando ser ele mesmo, independente das realidades externas à sua formação. Ele é ele mesmo, porque assim ele vai sendo construído por si mesmo, sendo o autor de sua personalidade e capacidades pessoais que ele tem como essência de ser.

> Mas não se deve concluir que o ser cria-se a si, pois isso faria supor ser anterior a si mesmo. O ser não pode ser causa sui à maneira da consciência. O Ser é Si-mesmo. Significa que não é passividade nem atividade" (SARTRE, 2000, p.37)

O Ser é consciência revelada a si mesmo, mas que é Em-si um ser existente, que se manifesta como consciência revelada, revelando-se existente fundamentando-se no que lhe é própria. Sartre (2000, p. 35) afirma:

> Mas a característica do ser de um existente é não se revelar a si, em pessoa, à consciência: não se pode despojar um existente de seu ser; o ser é o fundamento sempre presente do existente, está nele em toda parte e em parte alguma; não existe ser que não seja ser de alguma maneira ou captado através dessa maneira de ser que o manifesta e encobre ao mesmo tempo. Contudo, a consciência sempre pode ultrapassar o existente, não em direção a seu ser, mas ao sentido desse ser. [...] O sentido do ser do existente, na medida em que se revela à consciência, é o fenômeno de ser. Este sentido tem, por sua vez, um ser que fundamenta aquilo que se manifesta.

Logo, a consciência é consciência-em-si do Ser que está para além da negação e da afirmação deste Ser, que sendo afirmação é sempre afirmação de alguma coisa que vai distinguir-se do ato afirmativo da coisa afirmada. O Ser não se reduz a ser percebido primeiramente porque nos conduz a perceber o Ser que nos é revelado como consciência, mas que não nasce para um ser que seja ele, pois ele é sempre consciência de alguma coisa que pretende ser, onde se produz como revelação-reveladora desse Ser que não é ele mesmo, se não essa ação criadora de si mesmo. Pois esse ser é o sentido do ser da existência, implicado no fenômeno e revelado pela consciência, que se opõe ao ser objeto. Que se apresenta a nós por meio do sujeito que pode ser Pedro, Paulo ou um objeto criado, mas que tem uma finalidade conforme a consciência tem criado que no caso de Pedro e Paulo vai ter um ser conforme a consciência apresente ao indivíduo, assim eles serão um ser particular da consciência, mas não será essa consciência de ser formulada fora de si. No caso do objeto criado que pode ser um martelo onde seu ser é esse ser criado por essa consciência que se apresenta ao sujeito por ter sido ela a quem o criou. Tendo essa distinção do ser criado e ser em-si-mesmo assim nos fala Silva (1997, p. 28):

> O em-si é plenamente indeterminado; ele sofre determinação quando é posto em relação com um sujeito, e na condição de fenômeno. Dando-se a uma consciência, ele recebe uma determinação. "O ser-em-si se dá e põe-se em relevo". Porém, Sartre entende o conhecimento como "negatividade pura"; isto é, quando o homem conhece, nada acrescenta ao em-si, pois o ato de conhecer não é criador, e, portanto, não afeta o em-si. O ato de conhecer faz com que haja ser; mas este ser não é aquilo que ele é, e sim uma

> determinação negativa. A "negatividade pura" realiza o ser, no sentido de que coloca algo em relevo, que é o fenômeno. E, portanto, o ser só é admitido como aderência total ao fenômeno. Não há explicações a partir de princípios transcendentais. E, surpreendentemente, a análise feita por Sartre das características do em-si é sucinta: restringe-se a revelar o em-si num aspecto puramente formal, excluindo qualquer abertura para um possível conteúdo de sua realidade.

Contudo para Sartre o que aparece nesse sentido é o que se deixa ser acessível, o ser conhecente por ação do ser que está sempre aí, existente em se mesmo, deixa-se ser conhecido por esse ser aparente que é o conhecimento da presença de si. No conhecimento do ser-em-si está presente ser como ele mesmo é logo sua ação em si mesmo provoca sua presença no ser aparente porque o ser-em-si não tem um dentro ou fora que se oponha a ele, uma lei ou uma consciência de si, pois ele não tem segredos consigo mesmo, ele é o que é. Fazendo assim uma necessidade de dialogo que ocorre por causa da sua presença em si mesmo e de como está aparece na relação do ser em-si e a consciência de si, que vai nos revelar esse evento existencial do ser em si mesmo. Com isso Sartre vai falar:

> Mas, se o ser é em si, significa que não remete a si, tal como a consciência (de) si: é este si mesmo. A tal ponto que a reflexão perpétua que constitui o si funde-se em uma identidade. Por isso, o ser está, no fundo, além do si, e nossa primeira fórmula não pode ser senão uma aproximação, devido às necessidades da linguagem. De fato, o ser é opaco a si mesmo exatamente porque está pleno de si. Melhor dito, o ser é o que é (SARTRE, 2000, p. 38).

O resultado desse evento é que o ser mantém-se, isolado ao seu ser que é não mantendo relação com ser que ele não é, pois se isso faz deixa de ser ele mesmo, e, nega a si, como ser que sempre está por vim a ser, ser do devir que vai acontecer fazer-se, construir-se, com isso ele é o ser que está para além do devir. Sendo o que é. Não podendo negar-se a se mesmo estando fora de qualquer negação. Sendo plena positividade do que é. E não mantém relação alguma com outro ser, pois é repleto de si mesmo e se esgota em ser ele mesmo. Tampouco pode deriva de outro vira a ser, pois esse vira a ser é o possível que é uma estrutura do Para-si que pertence à outra região der ser que é o projetar-se para um futuro a ser. Isso porque "O "se" não é o sujeito, pois o sujeito sem relação consigo mesmo se condensaria na identidade do Em-si; tampouco é uma articulação consistente do real, pois deixa aparecer o sujeito por detrás" (SARTRE, 2000, p. 125), com isso vamos ter a indicação do sujeito como um não si, mas que tem consigo mesmo a coincidência de fazer desaparecer o si, mas não pode ser ele o si, pois o si é indicação do próprio sujeito. Assim Sartre vai dizer-nos que:

> O si representa, portanto, uma distância ideal na imanência entre o sujeito e si mesmo, uma maneira de não ser sua própria coincidência, de escapar à identidade colocando-a como unidade; em suma, um modo de ser em equilíbrio perpetuamente instável entre a identidade enquanto coesão absoluta, sem traço de diversidade, e a unidade enquanto síntese de uma multiplicidade. É o que chamamos de presença a si.

Com essa maneira de ser o si toma uma lei de como fundamento ontológico no trata do si Para-si onde a consciência em si mesma consiste ser sob uma forma de presença a si. Logo que sua relação com sigo mesma vai mostrar o si de quem ela se define como consciência, mas toda essa presença é dada como essência de si mesma, porque ela (consciência) é facticidade do ser em consciência de se mesma.

4.2 O ser para si: como consciência

O Para-si é a parte do Em-si que tem consciência de si mesmo e difere-se do em-si quando percebe a presença dos objetos e nesse sentido é consciência construída de algo externo de si, algo que está presente no ser que se apresenta originalmente como vazio de tudo, mas que não deixa de está presente no objeto transcendente que ele tem consciência atualmente, isso porque estando no percurso de existência, construção de si ele nunca deixará de ter essa necessidade de ser para si, mesmo que como ser-para-si, ele tem uma noção de sua presença, e vai existir sempre com essa presença devido à consciência ser intencional, ou seja, ela é intenção de algo ou de alguma coisa que deseja ser, fazer. Intenção com o meio em que está habitualmente inserida, mas livre dos fenômenos do mundo.

> Na relação homem-mundo, todo ser está do lado do mundo, ou do Em-se, e não do lado da consciência, ou do Para-si. O Para-si é a pura relação com o Em-si; o para-si não pode ser concebido existindo primeiramente, para depois atingir o ser. Pois, se a consciência é necessariamente consciência de qualquer coisa, não pode haver consciência, se não através dessa qualquer coisa, antes da qual nada há se não o em-si, que não é consciência, mas, pura objetividade (SILVA, 1997, p. 29).

Há aqui a possibilidade do para-si aparecer também como estrutura ontológica do real, possibilidade de ser, mas que pertence a outro ser como possibilidade que eles são que têm de ser, mas mantém suas possibilidade próprias onde não cabe sua possibilidade derivar de outro ser, pois ele é contingente. "Mas, se o ser-Em-si é contingente, recupera-se a si mesmo convertendo-se em para-si. O Em-si é, para perder-se em Para-si. Em suma, o ser é e não pode

senão ser" (SARTRE, 2000, p. 131), isso porque a consciência que sai do ser vai nadificar a possibilidade própria do ser no ato de revelar-se como fundamento de consciência de si, mesmo pelo ato sacrifical que vai nadificar.

O Para-si é a fundamentação do Em-si como consciência que só pode remeter se a se mesmo como nadificação onde é consciência de se mesmo no ato sacrifical de nadificar-se. Assim ele aparece de forma que o Em-si vem a negar se para ser o Para-si, não deixando de ser Em-si, mas agora Para-si, consciência de si mesmo, presença de si no novo Em-si que é o Para-si que não deixa de existe a presença do Em-si na sua consciência.

> O Para-si é o Em-si que se perde como Em-si para fundamentar-se como consciência. Assim, a consciência obtém de si própria seu ser consciência e só pode remeter a si mesma, na medida em que é sua própria nadificação: mas o que se nadifica em consciência, sem que possamos considerá-lo fundamento da consciência, é o Em-i contingente (SARTRE, 2000, p.131).

Notamos aqui o Para-si como acontecimento absoluto que tem no âmago de si o Em-si como consciência contingente de se mesmo, que não pode negar-si, hora o Para-si é o Em-si nadificado que se transforma Em-si como Para-si, não deixando de existe em- se- mesmo, mantendo assim sua presença contingente no ser, pois ele enquanto Em-si não pode ser o fundamento de se próprio e nem dos outros, sendo que, se existe um fundamento apenas pela nadificação do Em-si, já que o fundamento vem geralmente por meio do Para-si surgindo assim o fundamento pela primeira vez, mas que o Em-si não deixa de estar no fundo do Para-si como sua consciência, que agora é fundamento próprio da consciência e não um simples Em-si ao infinito. Sartre (2000, p. 131) vai nos dizer que o Em sim permanece no Para-si com consciência de se mesmo:

> Segue-se que este Em-si, tragado e nadificado no acontecimento absoluto que é a aparição do fundamento ou o surgimento do Para-si, permanece no âmago do Para-si como sua contingência original. A consciência é seu próprio fundamento, mas continua contingente o existir de uma consciência em vez de puro e simples Em-si ao infinito. O acontecimento absoluto, ou Para-si, é contingente em seu próprio ser. [...] seja o que for, este si existe à maneira de consciência de ser.

E Sartre continuar (2000, p. 132) dizendo que esse Em-si é essa totalidade em si mesmo:

> Mas, uma vez que considero esta totalidade em si mesma, ela se nadifica aos meus olhos, ela não é; ela é para não ser, e retorno ao Para-si captando como fundamento de si em seu esboço de dualidade: tenho esta cólera porque me produzo como

> consciência de cólera; suprima esta causa de si que constitui o ser do Para-si e não encontrará mais nada, sequer a "cólera-em-si", porque a cólera existe por natureza como Para-si. Assim, o Para-si acha-se sustentado por uma perpétua contingência, que ele retoma por sua conta e assimila sem poder suprimi-la jamais. Esta contingência perpetuamente evanesce do Em-si que infesta o Para-si e o une ao ser-Em-si, sem se deixar captar jamais, é o que chamaremos de *facticidade* do Para-si. É esta facticidade que nos permite dizer que ele é, que ele *existe,* embora não possamos jamais *alcançá-la* e a captemos sempre através do Para-si.

A facticidade que aqui estamos falando é apenas uma oferta a mim mesmo, do ser que quero alcançar ao ser que agora sou, mas sua captura vem de forma bruta e a encontramos em sua nudez, sendo sua percepção resumida e livremente construída. Isto, logo pelo fato de esta ir, junto de um móvel no cômodo já alcança o objeto puro com um conceito limite que não pode ser alcançado, mas encontra-se na minha *consciência de está ai* com uma contingência de um Em-si nadificado pelo qual é Para-si como consciência de estar aí e se produzir. Isso porque "O Para-si, ao aprofundar-si em si como consciência de estar aí, só descobrirá *motivações,* ou seja, será perpetuamente remetido a si mesmo e sua constante liberdade (Estou aqui para... etc.)" (SARTRE, 2000, p. 133), sendo a facticidade do Para-si uma contingência que se fundamenta na medida em que vai perpassando a si mesmo com uma total ligação entre o Para-si fundamento próprio seu, e a facticidade que vai ser essa necessidade de fato que chamamos de maneira mais correta, e com esse fato "O Para-si é necessário enquanto se fundamenta a si mesmo" (SARTRE, 2000, p. 133), tornando se assim o objeto de uma intuição refletida de modo que eu não posso duvidar que sou, dessa maneira o Para-si não poderia ser como tal e nem ter a contingência do fato, certo que com a liberdade nadificadora que tenho, apreende se ai o Para-si pela angústia, certo que o Para-si tem total consciência de sua facticidade e com sua total gratuidade de seu sentimento ele estando aí apreende-se para nada sendo supérfluo.

> O ser-Em-si pode fundamentar seu nada, mas não o seu ser; em sua descompressão, nadifica-se em um Para-si que se torna, enquanto Para-si, seu próprio fundamento; mas sua contingência de Em-si permanece inalcançável. É o que resta de Em-si no Para-si como facticidade e é o que faz com que o Para-si só tenha uma necessidade de fato; ou seja, é o fundamento de seu *ser-consciência ou existência,* mas de modo algum pode fundamentar sua presença. Assim, a consciência não pode, de nenhuma forma, impedir-se de ser, e, todavia, é totalmente responsável pelo seu ser (SARTRE, 2000, p. 134).

O Para-si tem seu valor enquanto ser Em-si e isso nos revela sua nadificação para sua existência e ação no ser, que mesmo se nadificando ele não deixa de ser ele mesmo, pois "a nadificação, sendo nadificação do ser, representa a vinculação original entre o ser do Para-si e o ser do Em-si. O Em-si concreto e real acha-se inteiramente presente no âmago da

consciência como aquilo que ela se determina a não ser" (SARTRE, 2000, p. 135), porque o Para-si determina de maneira perpetuamente não ser Em-si, isso não é por forças exteriores, mas por ação do Para-si que na condição de Para-si parte do Em-si e contra o Em-si e desse modo ele fundamenta-se como Para-si.

> O Para-si, como fundamento de si, é o surgimento da negação, fundamenta-se na medida em que nega de *si* certo ser ou maneira de ser. Aquilo que nega ou nadifica, como sabemos, é o ser-Em-si. Mas não qualquer ser-Em-si: a realidade humana é antes de tudo, seu próprio nada. Aquilo que nega ou nadifica de si como para-si só pode ser o *si*. E, como é construída em seu sentido por esta nadificação e esta presença em si do que ela nadifica a título de nadificado, resulta que o sentido da realidade humana se constitui pelo *si-como-ser-Em-si* faltando (SARTRE, 2000, p. 139).

O Para-si é a negação do Em-si como Para-si, pois o Para-si é ele mesmo, e não deixa de ter em se a presença do Em-si, mas como consciência do Para-si, que é um Em-si - Para-si, ou seja, uma presença onde um torna-se o outro, mas sem deixa de existir. Assim como água no seu estado sólido que agora é gelo, mas que é água na sua origem, primeira, marcando assim a existência de outro ser, sem deixa de ser o que é, ocorre dessa forma à relação do Para-si com o Em-si, um só sem deixar de ser dois.

4.3 Ser para o outro

Agora nos detemos em vê à consciência como Ser Para-outro, de modo que esta estrutura é uma condição que parece indicar o outro no Para-si, de tal maneira que descobrimos que a realidade do homem é um Para-si. Podendo assim dizer que "Esta estrutura ontológica é *minha;* é de *mim* mesmo que cuido, e, no entanto, esse cuidado (*cura*) 'Para-mim' revela um ser que é meu sem Ser-para-mim" (SARTRE, 2000, p. 289), surgindo aqui o Para-outro que está fora do Para-si, mas não deixa de ter consigo o Para-si que é o campo da minha reflexão onde posso encontrar a consciência que é minha.

Certo de que a presença do outro é uma condição indispensável, pois ele é o mediador entre mim e mim mesmo. Pois com a aparição do outro fico em condições de fazer de mim mesmo um juízo, podendo ser um juízo igual a um juízo de um objeto, sendo assim como objeto que apareço diante do outro, mas esse objeto que aparece ao outro é um imagem, mas não é vã, pois estando em sua mente ela é inteiramente imputável e eu não poderia me irritar já que reconheço que sou como o outro me vê. Porque "não se trata, contudo, de comparação entre o que sou para mim e o que sou para o outro, como se eu encontrasse em mim, ao modo

de ser do Para-si, um equivalente do que sou para o outro." (SARTRE, 2000, p. 290), de modo que não se encontra essa comparação a título de nós como nos diz Sartre "título de operação psíquica concreta" isso é impossível por tal comparação.

Sartre nos vai dizer o porquê de tal comparação ser impossível quando fala: "não posso relacionar o que sou, na intimidade sem distância, sem recuo, sem perspectiva, do Para-si, com este ser injustificável e Em-si que sou para o outro, (SARTRE, 2000, p. 290), logo que o eu aparece como outro também pra o outro criando assim uma dupla visão de outro, ou seja, nos tornamos objeto da consciência um do outro, sendo a consciência a conhecer esse objeto, esse outro fora de se dando lhe outro ser que ele não é por si mesmo, mas pela consciência do outro que o percebendo assim como ele se apresenta, sendo ele juízo da consciência do outro.

> Assim, o outro não apenas revelou-me o que sou: constituiu-me em novo tipo de ser que deve sustentar qualificações novas. Este ser não estava em mim em potência antes da aparição do outro, pois não teria encontrado lugar no para-si; e, mesmo se algo se satisfizesse em me dotar de um corpo inteiramente constituído antes que esse corpo fosse para os outros, nem minha vulgaridade nem minha inépcia poderiam alojar-se nele em potência, pois estas são significações e, como tais, transcendem o corpo e remetem ao mesmo tempo a uma testemunha capaz de compreendê-las e à totalidade de minha realidade humana. (SARTRE, 2000, p. 290)

O surgimento de esse novo ser para o outro não está presente nele, bem como o responsável e toda responsabilidade por ele é minha certo que surgi ai uma vergonha de está na presença do outro, "mas, ao mesmo tempo, necessito do outro para captar plenamente todas as estruturas de meu ser; o Para-si remete ao Para-outro" (SARTRE, 2000, p. 290, 191), assim se captamos a totalidade do ser do homem em relação com o ser-Em-si, não poderíamos nos contentar com tais justificativas porque não se pode negar a existência do outro e minha relação de ser para com o ser do outro. Não há necessidade do outro ser de modo inferido por mim analogicamente a parti de mim mesmo, pois como outro, o outro se revela nas experiências invadindo assim a minha subjetividade campo onde eu sou objeto de seu mundo, assim "o outro não é aquele que é visto por mim, mas muito mais aquele que *me vê,* mantendo-me sob a opressão do seu olhar" (REALE, 2007, p. 608), não sendo assim ele o objeto de observação, mas sim eu, objeto de sua observação que vai criar um juiz de mim, a partir de como me foi apresentado a sua consciência e minhas possibilidades agora são fatos consumados para o Outro e "elas pertencem também ao Outro e estão sujeitas ao julgamento do Outro" (COX, 2006, p. 67), deste modulo o ser da pessoa é ser- para- outros e ela se realiza

quando experiência quando vê da mesma forma que os outros a veem ou resguarda do ponto de vista do outro, tendo ai sua experiência de Outro para Outro.

> Sartre argumenta que quando uma pessoa experiência a si mesma da mesma forma que os Outros a vêem, ela imediatamente deixa de ser um objeto transcendente, um puro ponto de vista no mundo, e se torna, ao invés disso um objeto no meio do mundo, visto pelo ponto de vista do Outro. Experienciar a si mesmo como um objeto para o Outro é Experienciar o Outro como um sujeito. É esta experiência direta e imediata do si como um objeto para a subjetividade do Outro que revela o Outro a ele como o Outro. Ele experiência o Outro através da negação interna, imediata, de sua própria subjetividade transcendente pela subjetividade transcendente do Outro. Experienciar o Outro é, portanto, a pessoa existente em seu próprio ser como uma transcendência transcendente (COX, 2006, p. 67).

A experiência com o Outro é ter um aspecto de ser-no-mundo, mas que é um aspecto transcendente de transcendência do ser, logo que esse ser-no-meio-do-mundo está referente na medida em que a presença do outro (pessoa) no mundo, estando como um objeto entre outros objetos, chegando aqui com uma transcendência livre que é transcendida por meio do Outro se tornando assim uma coisa ao lado de outras coisas, porque sua transcendência-transcendente que vai significar o ato de escapar e está perdido para ele ao mesmo tempo porque esse significado de ato repentinamente pertence ao Outro. Pois, "A posse do significado do seu ato pelo Outro é a negação da sua livre capacidade de se interpretar. Sua liberdade é subjugada pela liberdade do Outro (COX, 2006, p. 68), tendo aqui uma suspeita de que a minha liberdade não está completa, pois ela está ligada a liberdade do Outro e isso remete a divisão daquilo que é meu, não posso usufruir sozinho ficando assim limitado a presença do outro.

O ser de uma pessoa, ser-para-outros é em grande parte o ser que ela é aqui, no entanto é lá também para o Outro, até onde ele tem liberdade de interpretar, avaliar as suas ações como o bem compreender já que o Outro tem uma liberdade que não é minha e faz um julgamento transcendental no ato de ser livre, no entanto ser visto pelo Outro vai me constituir como um ser indefeso para uma liberdade que não tenho no momento, podendo me considerar um "escravo" por ser objeto de valores que não tenho conhecimento e meu ser não tem como agir, ficando preso por não saber de sua existência sendo assim escravizado por valores que não me qualificam devido estarem fora de mim e sim presentes no outro.

Há aqui uma negação do Outro, quando ele interfere na minha consciência "Para-si" tendo uma consciência que é diferenciada do mundo que lhe é apresentado, onde o Para-si (consciência) ao se deparar com outro Para-si reconhece que sendo uma consciência que não é aquela que se mostra a ele tendo ai uma construção original feita através do "olhar do outro sobre si." Porque "Ao ser visto, seu ser assume uma nova dimensão, a saber, a dimensão de *ser-para-si-para-outro.*" Onde "O olhar de outra consciência ratifica a sua existência, bem como a existência do outro" (GONDIM, 2010, p. 51), tendo que ser um ser um outro para-si-em-si-mesmo como também para-outro, não podendo deixar ser alguma coisa para a consciência do outro que não é a sua, mas que é a partir do momento que é um ser fechado em si mesmo, apreendendo o outro como "objeto" no mundo do qual não tem conhecimento de sua própria existência de imediato.

Sartre vai falar que o outro vai se apresentar por vezes como uma negação da minha experiência, experiência que vai está o ato de minha existência que é o que sou, Diz ele:

> O outro, ao contrário, se apresenta, em certo sentido, como negação radical de minha experiência, já que é aquele para quem eu sou, não sujeito, mas objeto. Portanto, como sujeito de conhecimento, esforço-me para determinar como objeto o sujeito que nega meu caráter de sujeito e determina-me como objeto. Assim, o outro, [...] não pode ser considerado como conceito constitutivo nem como conceito regulador de meu conhecimento (SARTRE, 2000, p. 297-298).

Isso porque minha subjetividade esta fora da que constitui o outro, sendo ele um ser externo da consciência que o vê. Gerando assim, uma negação do mesmo por causa da sua tentativa de nega o sujeito que sou. Já que "o outro é esse eu-mesmo do qual nada me separa, absolutamente nada, exceto sua pura e total liberdade, ou seja, esta indeterminação de si-mesmo que somente ele tem-de-ser para e por si" (SARTRE, 2000, p. 348), pois o olhar do outro para mim faz com que eu me torne um objeto devido a consciência que só pode ser produzida na e pala presença do outro em mim. "não sendo necessária a presença do outro diante de mim para que eu tenha a certeza da minha existência bem como da do outro" (SILVA, 2010, p. 53), logo o outro não é necessário para que tenha consciência de mim e sua presença torna-se uma presença desnecessária para minha. No relacionar-se com a consciência do outro assumo ações que vem a objetivar ou coisificar está consciência (Outro) que diante de mim está.

Com isso vai ocorrer uma reivindicação do eu (consciência) que a consciência do outro aprende de mim, e Sartre (2000, p. 365), vai nos dizer que:

> Mas, na medida que o Outro é co-responsável por nossa separação original, esse Eu me escapa, posto que é aquilo que o outro se faz não ser. Assim, reivindico, como meu e para mim um eu que me escapa, e, como me faço não ser Outro, enquanto o outro é espontaneidade idêntica à minha, é precisamente como Eu-que-me-escapa que reivindico esse Eu-objeto. Esse Eu-objeto é o eu que sou na medida mesmo que me escapa, e, ao contrário, iria recusá-lo como meu se pudesse coincidir comigo mesmo em pura ipseidade. Assim, meu ser-para-outro, ou seja, meu Eu-objeto, não é uma imagem recortada de mim e vegetando em uma condição de minha ipseidade frente ao outro e da ipseidade do outro frente a mim.

Para Sartre não há uma subjetividade totalmente sozinha, sem ser necessária a presença do outro, pois do contrário estaria em mim esse limite e poderia ser pensado por mim, sendo que não posso limitar a mim mesmo, estaria contrariando minha totalidade finita. Ou seja, tem se uma possibilidade de que eu não possa ser totalmente livre sozinho, mesmo que o Outro venha reduzir minha liberdade com sua presença, mas em todo caso o Outro é um ser consciente de que sua presença também fica reduzida e dividida com a minha, mesmo que seja por pensamento. Assim "Sartre conclui que a minha necessariamente inibe a do outro da mesma forma que a liberdade do outro inibe a minha" (Maciel, 1986, p. 81), não sendo capaz de ter uma liberdade total quando se tem ou se mede pela presença do Outro.

5 CONCLUSÃO

O percurso deste trabalho favoreceu o entendimento do conceito de liberdade apresentada por Jean-Paul Sartre e sua influência na formação do indivíduo que tem como base formativa sua liberdade que é consequência de sua existência, mas está largado ao mundo e totalmente responsável por sua conduta moral e ética sendo condicionado a ser responsável pela criação de se mesmo, ou seja, sua formação. Que esta pautada dentro de sua liberdade de escolha ou não escolher, permanecendo assim livre, já que a decisão em não escolher implica visivelmente na liberdade. Liberdade que ele tem a necessidade de ter, caso contrario está negando sua existência, pois existe implica na liberdade. O homem é lançado no mundo e livre para escolher ser aquilo que se projeta, projetar-se fazendo de se o próprio mestre e discípulo quando essa liberdade passa a ser vivida com responsabilidade, pois ser livre não significa está largado sem amparo, sem rumo o homem é senhor de se e tudo que ele faz esta sob sua responsabilidade e isso não o aprisiona, não retira sua liberdade.

O homem é o construtor de se e do meio no qual habita podendo assim ser livre na medida de suas necessidades, sem deixar que suas regras criadas com sua liberdade o aprisione, pois as regras criadas pelo mesmo foram feitas com liberdades e ao ponto que são aderidas livremente deixam de ser externas a sua liberdade fazendo assim parte de sua formação com liberdade.

Contudo sua liberdade quando assumida o prende ao sentimento de angústia pela responsabilidade com suas ações e escolhas diante de um conjunto de possibilidades que está diante de sua existência, bem como a frustração com o resultado de seus atos tomado e que agora são as consequências de sua realidade que outrora fora um passado em um futuro presente, e agora é novamente esse presente futuro na sua construção existencial.

Dentro da analise da liberdade na formação do individuo, é possível analisar três momentos de formação dentro das características do ser formando (homem), sendo aqui o Ser-em-si, como percepção do mundo de sua existência, sua constituição de ser, seguindo do Ser-para-si como noção de se mesmo e que sua existência atravessa seu Em-si tornando-se um Para-si que não tem como negar esse Em-si, pois este é à base da consciência do Para-si, consciência que está ai Para-si como um juízo de se mesma fora da consciência que agora consciente de si está Para-outro, ou seja, esta aí como Para-si, mas agora é Para-outro sendo Em-si que não deixa de ser um ser presente no mundo do Para-si que não deixa de existe por torna-se um Para-outro, mas que permanece como consciência do Para-outro.

Com o surgimento do Para-outro, que está fora do Para-si fica limitada a liberdade do ser, já que a presença do outro me inibe a esta fora de sua consciência, gerando um conflito entre minha consciência e a consciência do outro, pois uma quer tomar consciência do outro. Já que não se pode negar a existência do outro por causa de sua presença percebo a minha liberdade limitada tendo que dividi-la com sua presença.

Sua presença limita a minha ação tornando-me prisioneiro de sua consciência, pois devo admitir aqui que o outro me vê como objeto de sua consciência e isso faz com que eu tenha de volta para com ele o mesmo olhar, olhar de objeto fora da minha existência, existindo assim uma possibilidade de não ter uma liberdade total que garanta uma formação completa, pois Sartre não concluir a presença de uma formação livre, já que não se pode ser livre sozinho, pois a presença do outro faz com que minha liberdade esteja dividida com o outro, e isso devido sua presença como outro fora da minha consciência.

REFERÊNCIAS

BELO, Renato dos Santos. ***O paradoxo da liberdade: psicanálise e história em Sartre.*** 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COX, Gary. ***Compreender Sartre.*** Petrópolis RJ: Vozes, 2007. (Compreender). Tradução de Hélio Magri Filho.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia. 13.** ed. São Paulo, SP:Editora Ática, 2006.

MACIEL, Luiz Carlos. ***Sartre.*** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção vida e obra).

NASCIMENTO, José Felipe Neto. **Os limites da liberdade absoluta em Sartre.** Teresina-PI: 2013, ICESPI.

SARTRE, Jean - Paul. ***O existencialismo é um humanismo; a imaginação; questão de método.*** São Paulo: Abril Cultura, 1978. (Os pensadores). Tradução de Vergílio Ferreira.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada:**ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo.*Trad. Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970. Título original: L' Existencialisme est un Humanisme.

SEBASTIÃO, Alex Keine de Almeida. ***O conceito de liberdade em o ser e o nada.*** 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte MG, 2008.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. **A concepção de liberdade em Sartre.** In: Filogenese, v. 6. N. 01. 2013. p. 93-107. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf. > Acesso em: 15 set. 2016.

SILVA, Cléa Góis e. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre.** Londrina, PR: UEL, 1997.

SILVA, Paulo César Gondim da. ***O conceito de liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre.*** 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal RN, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia:** do romantismo até nossos dias. v. 3. 8 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2007.